

A FORTUNA CRÍTICA ACADÊMICA DE MANOEL DE BARROS

Rosidelma Pereira FRAGA¹

RESUMO

Um recorte de minha tese *Recepção e convergência na obra de Manoel de Barros: poesia, ilustração e paratextualidade*, este artigo tem como objetivo crucial homenagear os 100 anos do autor e contribuir com a divulgação de sua obra, ao efetivar um exame austero da fortuna crítica acadêmica de Manoel de Barros e assegurar que o poeta tem seu lugar merecido na literatura de âmbito nacional e canônico, pois sua poesia lírica tem sido objeto de pesquisas em todo Brasil, porém, a crítica hegemônica insistiu em silenciar o poeta durante séculos. Entretanto, o poeta já demonstrou em seus versos de *Memórias inventadas*, que é preciso escutar o silêncio das paredes, a sua poesia, distante de ser regional, se elevou em matéria de linguagem, foi capaz de transcender o ínfimo e voar fora da asa como se lê em *Livro sobre nada*. O método de investigação consistiu em pesquisas realizadas dos mais de 100 documentos de dissertações, teses, obras impressas sobre a poesia completa do poeta, a partir de uma delimitação aludida no quarto parágrafo deste artigo. Nesta pesquisa, percebi que da década de 1980 até no século XXI a poética de Barros tem sido examinada por diversas nuances. O maior enfoque dos trabalhos tem reincidido no retalho aos temas telúrico, metapoesia, reinvenção da linguagem poética, a alquimia do verbo, o leitor, a poesia sob o crivo das contradições e da ambiguidade, a poesia como instauração do ínfimo e do nada, o erotismo na linguagem, a presença do ser pantaneiro e dos loucos, a transgressão da sintaxe, a poética do mito, além dos laços com a literatura comparada e outras artes.

PALAVRAS-CHAVE: Manoel de Barros. Fortuna Crítica. Poesia.

RESUMEN

De recortes mi recepción de la tesis y la convergencia en la obra de Manoel de Barros A: la poesía, la ilustración y paratextuality, este artículo es objetivo crucial en honor a los 100 años de la poesía del autor y contribuir a la difusión de su obra, para llevar a cabo un examen de la fortuna crítica académica Manoel de Barros y asegurar que el poeta tiene su lugar que le corresponde en la literatura del contexto nacional y canónico, porque su poesía ha sido objeto de investigación en todo el Brasil. Sin embargo, el hegemónico crítico insistió en silencio durante el poeta siglos. El poeta ha mostrado en sus Memorias de versos inventado, que tenemos que escuchar el silencio de las paredes, su poesía, lejos de ser regional, se levantó en la lengua, era capaz de trascender el más pequeño, y volarán como el ala se lee en el libro de nada. El método de investigación consistió en encuestas realizadas a más de 100 documentos de disertaciones, tesis, trabajos impresos en la poesía completa del poeta, a partir de una delimitación que se alude en el cuarto párrafo de este artículo. En esta investigación, me di cuenta de que la década de 1980 hasta los primeros veinte y la poética del siglo Barros ha sido examinada por varios matices. El foco principal del trabajo ha recaído en el comercio minorista a temas telúricos, metapoesía, reinvención del lenguaje poético, la alquimia del verbo, el lector, la poesía bajo el escrutinio de las contradicciones y ambigüedades, la poesía como creación de lo infinitesimal y cualquier cosa, erotismo en el lenguaje, la presencia del Pantanal y estar loco, la transgresión de la sintaxis, mito poético, además de vínculos con la literatura comparada y otras artes.

PALABRAS CLAVE: Manoel de Barros. Fortuna crítico. Poesía.

A finalidade profícua neste artigo, recorte da primeira seção de minha tese de doutorado intitulada **Recepção e convergência na obra de Manoel de Barros: poesia, ilustração e paratextualidade**², é explicitar como a crítica acadêmica recepcionou a obra do poeta, englobando Dissertações, Teses e obras que constituem a fortuna crítica acadêmica do autor e permite desvencilhar de muitas discussões acerca da obra do poeta e inseri-lo como poeta regional e ainda

¹ Professora Doutora em Estudos Literários -UFG. Professora de Literatura- UERR. Realiza Pós-Doutorado na UFRJ.

² Tese de Doutorado defendida na Universidade Federal de Goiás (2014), sob a orientação da segunda pesquisadora da obra de Manoel de Barros no Brasil, Goiandira de Fátima Ortiz de Camargo.

em estudos sobre o cânone. A obra do poeta fala *per se*. A sua poesia é linguagem e corpo, não se enquadra em tais parâmetros da crítica acadêmica que insistiu por um tempo discutir as injustiças do cânone literário brasileiro e do esquecimento de sua obra nos compêndios da história da literatura brasileira.

No filme *Só dez por cento é mentira: a desbiografia oficial de Manoel de Barros* (2008), o poeta afirma não ter fortuna crítica, porém se orgulha por ser amado e lido. Não obstante, no levantamento dessas obras, pode-se assegurar que a fortuna crítica sobre o autor avulta em pesquisas e edições de uma nova geração de críticos.

Realmente, defendo que Barros não integrou a fortuna da crítica literária hegemônica nos anos iniciais de sua produção até a década de 1980. No entanto, diante da quantidade e qualidade das pesquisas concluídas³ sobre a sua obra, acredita-se que ele tem uma recepção satisfatoriamente louvável de fortuna crítica editada em periódicos científicos e livros desde 1987 até a atualidade.

Para escrever sobre a recepção de poesia pela crítica acadêmica, adotei uma ordem cronológica, enfatizando os trabalhos pertinentes e acessíveis nos bancos de teses dos Programas de Pós-Graduação no Brasil ou publicados em livros e periódicos científicos de circulação nacional e internacional. Em decorrência do grande número de dissertações defendidas sobre a obra de Manoel de Barros, delimito a exposição de sua fortuna crítica nas Teses e obras sobre o poeta. Todavia, as dissertações serão referidas somente quando a temática investigada for ímpar⁴ ou aquelas em que seus respectivos autores continuaram com a obra do poeta no trabalho de Tese, como foi o caso de meu estudo de mestrado e doutorado, respeitando, é claro, outras também relevantes não delimitadas para citações neste trabalho científico.

Antes de tal exposição, delineio os caminhos poéticos de Barros, sem se prender ao biografismo na apresentação de um delineamento das criações do poeta durante setenta anos de produção poética. Por ordem cronológica, destaco as obras do poeta e, paulatinamente à exposição da fortuna crítica, desenvolver-se-á uma reflexão sobre sua lírica. As obras⁵ são *Poemas concebidos sem pecado* (1937), *Face imóvel* (1942), *Poesias* (1956), *Compêndio para uso dos pássaros* (1960),

³ De acordo com alguns dados do CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento e Tecnologia há mais de 130 (cento e trinta pesquisas) sobre a poesia de Manoel de Barros. Em virtude disso, estabeleceram-se critérios (leia-se o 3º parágrafo da página atual e a nota de rodapé de número 3) para a apresentação desta seção acerca da fortuna crítica do autor.

⁴ Alguns trabalhos de Dissertações não serão referenciados pelo fato de configurarem repetições e temas redundantes, por exemplo, a exacerbação do estudo sobre metalinguagem em Barros, aliás, próprio da poesia moderna. A poesia do autor merece ser estudada além das abordagens esgotadas, exceto, quando se apresenta inovações e criatividade.

⁵ Em algumas vezes, ao serem citadas na tese, as obras de Manoel de Barros publicadas de 1937 a 2011, aparecerão com suas respectivas siglas em vez do título, conforme a lista de abreviaturas, localizada à página 12.

Gramática expositiva do chão (1964), *Matéria de poesia* (1970), *Livro de pré-coisas* (1985), *Arranjos para assobio* (1980), *O guardador de águas* (1989), *Gramática expositiva do chão: poesia quase toda* (1990), *Concerto a céu aberto para solos de ave* (1991), *O Livro das ignoranças* (1993), *Livro sobre nada* (1996), *Retrato do artista quando coisa* (1998), *Exercícios de ser criança* (1999), *Ensaio fotográficos* (2000), *Tratado geral das grandezas do ínfimo* (2001), *Poeminhas pescados numa fala de João* (2001-2008), *O fazedor de amanhecer* (2001), *Cantigas por um passarinho à toa* (2003), *Memórias inventadas – a infância* (2003), *Poemas rupestres* (2004), *Memórias inventadas I* (2005), *Memórias inventadas II* (2006), *Poeminha em língua de brincar* (2007) mais uma série de poemas autobiográficos em *Memórias inventadas III* (2008), *Poesia completa* e *Menino do mato* (2010) e *Escritos em verbal de ave* (2011), as três últimas editadas pelo Grupo Leya.

Manoel de Barros assegura que há divergência entre um livro e outro, tal como *Livro sobre o nada* e *Retrato do artista quando coisa*. A diferença incide no fato de a experiência linguística, às vezes, ser mais aguçada, como por exemplo, o *Retrato do artista quando coisa* seria superior ao *Livro sobre nada*. Tal superioridade, na opinião de Barros, figura no caráter de transformação do homem que se torna “entidade coisal”. O indivíduo transvê na linguagem das coisas, nas sutilezas do cisco, do chão e do nada. E a arte, como efeito estético, eleva-se à matéria do ser e de sua essência, tal como nos versos: “*Retrato do artista quando coisa: borboletas/De tarde um dom de latas velhas se atraca/em meu olho*” (BARROS, 1998-2010, p.357, sem grifos no original).

Conforme averiguações no Conselho Nacional de Pesquisa e Tecnologias – CNPq e nas páginas dos Programas de Pós-Graduação de variadas universidades brasileiras, e no portal da CAPES, constatei que os estudos precursores sobre a obra de Manoel de Barros foram registrados sob os títulos *Alquimia do verbo e das tintas nas poéticas de vanguardas*, de Maria Adélia Menegazzo (1987) e *A poesia alquímica de Manoel de Barros* por Goiandira de Fátima Ortiz de Camargo (1988), ambos como trabalhos de mestrado e realizados na Universidade Federal de Goiás, na mesma década.

Partindo da alquimia da palavra, Maria Adélia Menegazzo (1987) escreveu *Alquimia do verbo e das tintas nas poéticas de vanguardas*, não exclusivamente sobre a obra poética de Manoel de Barros, porém a dissertação de mestrado da autora, hoje publicada em livro, constitui uma das importantes investigações homológicas, semióticas e intertextuais sobre o poeta e outros autores. A obra recebeu o prêmio Literário Nacional do Instituto Nacional do Livro pela qualidade científica e plástica quanto ao tratamento rigoroso e interdisciplinar das artes, associadas às tendências de vanguardas. Na seção intitulada “Manoel de Barros: o chão do ensino”, Menegazzo enfatizou que as

principais influências de Manoel de Barros foram o surrealismo em *Compêndio para uso de pássaros* e o cubismo em *Gramática expositiva do chão*, sob a montagem ou *collage*. A autora teceu diálogos da poesia manoelina com a pintura de Paul Klee. Do pintor, analisa “A máquina de chilrear” e de Barros “A máquina de chilrear e seu uso doméstico”. Menegazzo comprovou o diálogo do texto poético com as outras artes como também realizou o crítico Gonçalves (1994) na obra *Laokoon revisitado: relações homológicas entre texto e imagem*, obra fundamental para o estudioso de relações homológicas entre poesia e pintura. Menegazzo elucidou as relações entre texto e imagem em Manoel de Barros. Tais homologias estruturais, para ela, equivalem ao desdobramento de significado do próprio poético.

Em sua Dissertação de Mestrado, Goiandira Ortiz de Camargo apontou que a lírica de Manoel de Barros “urde de irradiações oníricas e do desregramento de todos os sentidos rimbaudianos”: “[...] esta forma peculiar, manoelina, e mesmo transgressora do discurso poético, estudado e sistematizado pela Retórica clássica e moderna, se fundamenta num trabalho de alquimia com a linguagem. Manoel de Barros fusiona realidades para obter uma linguagem alquímica”. (CAMARGO, 1988, p. 1). O poeta inventa verbos e outros sentidos, coloca cores outras nos poemas, sob o plano de exploração da linguagem poética. A imagem se realiza no poema num tom de obscuridade, traços surreais e insólitos, invenção e ruptura com a sintaxe. Ao pensar em Paz (1986, p. 131), elucida-se que a poesia de Manoel de Barros é carregada de imagem e ela “se explica pela própria imagem”, já que para ele a poesia é a incorporação da palavra pela imagem e transgressão da sintaxe.

Assim, percebo que o poeta Barros “lambe palavras” por alucinação e pode ser visto como um criador de amanhecer, ao cultivar a palavra nascida do lixo, das escórias, do nada, arrastando-as nos destroços de vidro, a procura de uma *poiesis* por imagens e reinvenção da linguagem. Sua “lírica impertinente”, como salientou a autora, insere-se dentro da perspectiva do (des) fazer e inventar, uma vez que a palavra neológica, bem como a linguagem pitoresca, metalinguística, imagética, lúdica e sensual surge como renovação e realização de uma metapoesia.

Oito anos depois de *A poesia alquímica de Manoel de Barros* (1988), a autora escreveu a Tese de Doutorado *A poética do fragmentário: uma leitura da poesia de Manoel de Barros* defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Goiandira de Camargo (1997) examinou a poesia de Barros, traçando convergências entre sua poética e a literatura de Oswald de Andrade, Murilo Mendes, Raul Bopp e Arthur Rimbaud e aos pintores Klee, Rene Magritte, Giuseppe Arcimboldo e Miró. Investigou sobre o sentimento do fragmentário na perspectiva do sujeito lírico e seu desdobramento. Ela explicitou a insignificância dos seres e a crise da linguagem manifesta na

autorreflexividade da poesia manoelina. Na seção *ut pictura poesis* de sua tese, a autora discutiu algumas semelhanças entre a inquietação do fazer/pintar de René Magritte e de Barros. Para ela, “Manoel de Barros faz o seu encontro com o universo de Magritte em seu “Glossário de transnomações em que não se explicam algumas delas (nenhumas) – ou menos”, de *Arranjos para assobio*”. Nessas confluências, menciona que Barros celebra a poesia da afirmação (definição de glossário) e negação ao propor o significado da palavra. Nesse efeito de negação, a poesia manoelina aproxima-se da pintura de Magritte em ‘*Ceci n’est pás une pipe*’ e ambas promovem a desconstrução de sentido na representação da arte, asseverou Camargo (1997, p.88).

Em 1997, Mônica Pinto Rodrigues da Costa concluiu a Tese de Doutorado *Nova poesia brasileira: 10 poetas*, na PUC, de São Paulo. No exame criterioso e austero da autora, Barros e Haroldo de Campos apresentam convergências, mas se distanciam e se diferenciam no tratamento dado à exploração das coisas elevadas e telúricas. Assim ela assevera: “a poesia de Barros é feita de coisas em estado de natureza”, ao passo que a poesia de “Haroldo de Campos pesquisa as galáxias cristalinas” (RODRIGUES DA COSTA, 1997, p.163).

Vejo como pertinente recomendar a Dissertação de Mestrado *Criação e vanguarda: Bopp & Barros*, do poeta Francisco Perna Filho (2000). Originalmente o autor analisou a poesia de Manoel de Barros aproximando-a com a poesia de Bopp e na visão de Perna Filho, a poesia de Barros insere-se na perspectiva de um poeta moderno por exercer, dentro do espaço da natureza, um procedimento alquímico e procurar a instauração da palavra inovadora. Nessa trajetória pré-categorial, a lírica manoelina converge com a de Raul Bopp: “ambos, na volta ao primal, ao coletivo, ao inconsciente, buscam um resgate do homem para uma consciência pré-categorial, mítica, numa tentativa de fazê-lo voltar a si, às fontes primeiras” (PERNA FILHO, 2000, p. 52).

Vânia Maria de Vasconcelos (2002), da PUC, de São Paulo, utilizou-se de um arcabouço semiótico ao ponderar a poesia de Barros e as entrevistas sobre sua poética. Em sua Tese de Doutorado *A poética in-verso de Manoel de Barros: metalinguagem e paradoxos representados numa disfunção lírica*, a pesquisadora trouxe subsídios evidenciando que a poesia manoelina apresenta complexidade e o leitor necessita de abstrações para compreender as curvas e rupturas dos versos obscuros e herméticos.

Em 2002, na Universidade de São Paulo, o autor Isaac Newton Almeida Ramos comparou as similitudes e diferenças entre a poética de Alberto Caeiro e Manoel de Barros. Segundo o poeta e crítico, há recorrentes intertextos entre ambos. Ainda que nenhum deles tenha guardado rebanhos e águas, Ramos comprovou a conversa poética entre o heterônimo de Fernando Pessoa e Barros por meio da própria linguagem e discurso poético, os quais o leitor pode conferir ao

longo da pesquisa intitulada *Uma poética da modernidade: uma leitura comparativa entre Alberto Caeiro e Manoel de Barros*.

Na Tese de Doutorado *A construção poética de si mesmo: Manoel de Barros e a autobiografia*, na Universidade Estadual Paulista, Walquíria Gonçalves Béda (2006) examinou os traços autobiográficos na poética de Barros. Desvendou a aquisição “supra-autobiográfica” dentro de aspectos regionais e do ínfimo. A autora teve como *corpus* as obras *Poemas Rupestres* (2004), *Memórias Inventadas - A Infância* (2003) e *Memórias Inventadas - A Segunda Infância* (2006).

Em sua Tese de Doutorado *A unidade dual: Manoel de Barros e a poesia* na Universidade Federal do Rio de Janeiro, José Carlos Pinheiro Prioste (2006) recepcionou a poesia de Barros dentro dos aspectos dos contrários. A poesia persegue os elementos da contradição de um pensar em que os opostos se unem em uma integração indivisível. Para o pesquisador, pensar na poesia manoelina implica compreender a linguagem do pensamento como uma junção entre o imaginativo e o intuitivo próxima à condição do demasiadamente humano. Nessa perspectiva, Prioste (2006, p.58) chegou à seguinte hipótese: “O pensar barrosiano instaura uma inversão: se a noção de inútil somente se determina devido à hegemonia de poder de um discurso que impõe o valor de útil como sendo positivo, e do qual tudo o que se diferencie deste centro se marcará com o traço da negatividade [...], ao poeta e ao filósofo desconstruir tal modelo de pensar que nomeia o certo, o exato, o bem, o belo, o útil, o superior, o perfeito, o essencial”. Sob tais dicotomias, a poética manoelina, segundo o autor, passa pelo crivo da ambiguidade à prioridade de um valor absoluto. Esse, por sua vez, é assentado numa “sociedade de mercado que impõe como suprema a positividade de um pólo que exclui tudo o que não esteja concordante com o padrão preponderante, problematiza também o pensar que se institui por dicotomias” (PRIOSTE, 2006, p. 59).

Na Universidade Estadual Paulista, Kelcilene Grácia Rodrigues (2006) trouxe contribuições com a Tese de Doutorado *De corixos e de veredas: a alegada similitude das poéticas de Manoel de Barros e Guimarães Rosa*, à luz da dialética do comparativismo. Averiguou os equívocos de investigadores que consideraram a *ars poética* manoelina em diálogo com a linguagem de Guimarães Rosa. A autora defendeu as convergências entre ambos e a radical originalidade de suas poéticas, delimitando os temas, a saber: *Ars poetica*, discurso poético, estilo, metáfora, metalinguagem e recepção.

Na Universidade de Brasília, a obra de Manoel de Barros foi estudada na Tese de Doutorado *A palavra encena: uma busca de entendimento da linguagem poética a partir de Manoel de Barros*, por Devair Antonio Fiorotti (2006). Centrando-se na construção de figuras de linguagens como metáfora, prosopopeia, sinestesia e antítese, o autor comparou o *Livro de Eclesiastes*, a

Trilogia tebana de Sófocles, bem como a obra *Hamlet*, de William Shakespeare com a obra de Manoel de Barros, incorporando a temática da morte e a sua inter-relação com o humano.

Na Universidade de São Paulo, Maria Auxiliadora Fontana Baseio (2007) redigiu a Tese de Doutorado intitulada *Entre a magia da voz e a artesanaria da letra: o sagrado em Manoel de Barros e Mia Couto*. A autora defendeu o sagrado como particularidade do projeto estético-comparativo entre Manoel de Barros e Mia Couto, sancionando que nas obras de ambos há uma simbologia do universo infantil. Ela constatou os aspectos do lúdico e da veia onírica como sendo uma representação do homem na contemporaneidade. Em pauta, alude-se que a obra de Manoel de Barros ultimamente tem sido pesquisada em diálogo com outras artes e outras literaturas além da brasileira, nomeadamente com a literatura africana de língua portuguesa.

Um estudo valioso e divergente sobre a obra do autor é a Tese de Doutorado de Marina Coelho Moreira Cézár (2007), com o título *Do ensino da língua literária e do sentido: reflexões, buscas, caminhos*. Realizada na Universidade Federal Fluminense. A autora defendeu a intertextualidade como aspectos e métodos de ensino de poesia. Construiu leituras que corroboraram para a reflexão criadora, ao estabelecer comparações de Manoel de Barros com Carlos Drummond de Andrade, Fernando Pessoa e Mário de Andrade.

Merece citar outra contribuição importante realizada na Universidade de São Paulo no que se refere à Tese de Doutorado de Julio Augusto Xavier Galharte (2007), sob o título *Despalavras de efeito: os silêncios na obra de Manoel de Barros*. O trabalho se pautou na procura de significados dos silêncios e na análise de aspectos sinestésicos como a visão e a escuta, além de o autor tecer diálogos entre os silêncios de Barros e dos cineastas Luis Buñuel, Akira Kurosawa e Federico Fellini.

Outra pesquisa instigante é a Tese de Doutorado de Marinei Almeida, concluída em 2008, também na Universidade de São Paulo. *Entre vôos, pântanos e ilhas: um estudo comparado entre Manoel de Barros e Eduardo White* recebeu o tratamento de Literatura Comparada e a pesquisadora averiguou o uso da metalinguagem, inovando esse tema com a criação mitopoética do Pantanal e de Moçambique. Sua viga-mestra foi revisitar a teoria dos gêneros, ao questionar o poema em prosa e a prosa poética dos dois autores, selecionando para seu *corpus* de análise *Gramática expositiva do chão e Livro de Pré-coisas*, de Manoel de Barros e *Poemas da ciência de voar e da engenharia de ser ave e Janela para Oriente*, de Mia Couto.

Na Tese de Doutorado *O lugar do leitor na poesia de Manoel de Barros*, promovida pela Universidade Federal de Goiás, Nismária Alves David Barros (2010) constatou os procedimentos que delineiam o lugar do leitor, amparando no conceito de leitor como construção textual na teoria

de Eco. A autora salientou outros temas: o ato performativo no discurso autorreflexivo, a criação de um sujeito lírico-poeta, a marcação de interlocutor no texto, a memória do lido, a experiência do vivido, o uso de ironia como paradoxo, o erotismo na poesia e o erotismo da poesia.

A Tese de Doutorado *sujeito, crítica e invenção nas poéticas de João Cabral de Melo Neto e Manoel de Barros*, de Luiz Henrique Barbosa (2010), investiga o traço da *fanopeia* como traço comum entre os dois poetas modernos, além da indissociabilidade entre poesia e crítica. Para Barbosa (2010, p.6), “ao transformar a própria poesia em objeto de crítica, os poetas irão interrogar a posição idealizada que o sujeito ocupa na lírica tradicional, desvendando a mera construção de linguagem e pode ocupar vários lugares”. Além das convergências, o crítico assinalou os pontos divergentes encontrados nas duas poéticas, resumindo sua defesa na seguinte assertiva: “[...] a preferência de Cabral pela regularidade formal das estrofes, em contraposição à fragmentação das estrofes de Barros, e a linguagem comedida usada por Cabral ao elevar o elemento prosaico ao estatuto de arte, em contraposição à linguagem escatológica de Barros (BARBOSA, 2010, p. 6).

Já na Tese de Doutorado *A poética de Manoel de Barros e a relação homem - vegetal*, escrita na Universidade de São Paulo, Nery Nice Biancalana Reiner (2011) caminhou para a investigação sobre a influência dos vegetais na criação poética de Manoel de Barros na perspectiva de Literatura Comparada. A autora examinou as semelhanças e ou as diferenças dessa temática entre autores brasileiros, portugueses e africanos de língua portuguesa.

Um trabalho de relevância é a Dissertação de Mestrado de Wesley Peres (2007) com o título *Formações do inconsciente e formações poéticas manoelinas: uma leitura psicanalítica acerca da subjetividade e da alteridade na obra de Manoel de Barros*, registrado na Universidade Federal de Goiás. A partir da matriz lacaniana, o autor fundamentou o conceito de inconsciente estruturado na linguagem e verificou os pontos de contatos existentes entre a poesia de Manoel de Barros e as formulações de Jacques Lacan. Examinou, com rigor, a questão do sujeito e da alteridade e constatou que a poesia manoelina “ultrapassa a dicotomia sujeito/alteridade, bordejando aquilo que chamamos de alteridade radical – o sem sentido da morte, como paradigma do Real lacaniano” (PERES, 2007, p. 6).

O poeta Fabrício Carpinejar (2002) escreveu a Dissertação de Mestrado *Teologia do traste: a poesia do excesso em Manoel de Barros*, e defendeu a poesia de Barros no âmbito das escritas de si na trajetória da infância. Para Carpinejar, a lírica manoelina concentra-se no construto de frases que, aparentemente, são pronunciadas pela criança e, posteriormente, adquire empatia na fase adulta. Por meio dessa empatia, funda-se a linguagem lúdica, recheada de combinações verbais e visuais, acarretando uma singular consequência da ruptura com a sintaxe.

Doravante, destacam-se, cronologicamente, as obras publicadas sobre Manoel de Barros, certificando que algumas se originam de frutos de dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado, outras reuniões de ensaios e artigos produzidos por diversos pesquisadores nas universidades brasileiras, além de ensaios de críticos renomados, nos quais seus autores priorizam o poeta e a sua poesia.

Vale mencionar a obra *A loucura da palavra*, do crítico José Fernandes (1987), não somente como pioneira, mas como um estudo examinador da imagem na palavra poética manoelina. O crítico conduziu seu trabalho sob a perspectiva de Barros eleger as cores do Pantanal como essência de sua poesia e da linguagem, mas tais características não se aludem ao que, alguns leitores ingênuos, consideram como regionalismo ou poeta pantaneiro. Logo, para Barros, poeta é um ser da linguagem e não o ser biológico. O pantanal é inventado pelo poeta assim diz Barros no filme de sua desbiografia.

Em 1992, Afonso de Castro publicou a obra *Manoel de Barros: a linguagem e a volta à infância*, em Campo Grande, fruto da Dissertação de Mestrado, e trouxe uma análise sobre *Concerto a céu aberto para solos de ave*, focando na teoria de Gaston Bachelard para comprovar que a infância em Barros está acoplada aos elementos de invenção e criatividade. Castro (1992, p.183) inferiu que o ritmo da poesia manoelina harmoniza-se com o devir. Por conseguinte, a aproximação do poeta com a infância se deve à “reinvenção da linguagem em devir”.

Em *História concisa da literatura brasileira*, a partir de sua trigésima sétima edição, rápida e tangencialmente, Alfredo Bosi (2006) mencionou a poesia manoelina como: “a coerência vigorosa e serena da palavra de Manoel de Barros, nascido em contato com a paisagem e o homem do Pantanal e trabalhada numa linguagem, lembra, a espaços, a aventura mitopoética de Guimarães Rosa” (BOSI, 2000, p. 488).

Assinala-se a obra *Palavras do chão: um olhar sobre a linguagem adâmica em Manoel de Barros*, de Luiz Henrique Barbosa (2003), editada pela Annablume em São Paulo. A obra averigua o sujeito aos pedaços como característica da modernidade e integra uma entrevista de grande valor para o leitor de Barros. Barbosa (2003, p. 112-113) pesquisou sobre um arquétipo de sujeito que se convencionou chamar de “um sujeito aos pedaços”, como característica da modernidade:

[...] para Manoel de Barros o ser das coisas é o não ser da linguagem. O sujeito de sua poesia se transforma em um apêndice para um eu que se recusa a inserir-se no simbólico. Ao fazer a encenação de um sujeito que não está totalmente inserido no simbólico, Manoel de Barros parece declarar uma guerra ao pensamento. Para que o pensamento se produza é inevitável a separação entre o sujeito e o objeto, as palavras e as coisas.

Numa excursão à linguagem poética e nas veias do ser pantaneiro, Lucy Ferreira Azevedo (2008) publicou a obra *Paixões em Manoel de Barros: a importância de ser pantaneiro*, pela Editora Carlini & Caniato. Ela delineou as paixões do pantaneiro/bugre na poesia, ancorada na Retórica de Aristóteles com associação teórica em Ducrot e da Análise do Discurso e da Teoria da Enunciação. Azevedo leu a poesia manoelina à luz da intersecção de *logos*, *pathos* e *ethos* e ultimou que a escrita poética de Barros corrobora para as paixões comportamentais:

Em Manoel de Barros, poeta enraizadamente pantaneiro, encontro, flagrando o discurso, um campo de possibilidades de visão dessas características, pois sua produção poética ressalta as cores e a geografia do Pantanal conjugadas numa estética viva, que, verso a verso, tece e traça o perfil identitário do homem pantaneiro e como isso se reflete na poesia do poeta, para representar um *ethos* da alma pantaneira (AZEVEDO, 2008, p.11).

Nessa perspectiva, as paixões descortinam o enredo lírico e, na exegese da autora, permitem ao leitor uma visão elevada dos modos de constituição e de edificação linguística desses sentimentos. Sob esse prisma, Azevedo (2008, p. 65) asseverou que Barros lega ao *ethos*-bugre a tarefa de imprimir os sentidos das suas reflexões, penetrando na interioridade dos seres e das coisas, ao mesmo tempo em que funda o *logos* (as verdades e os valores) para chegar ao nível do *pathos*.

Rosana Cristina Zanelatto Santos (2009) organizou a obra *Nas trilhas de Barros: Rastros de Manoel*, pela editora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, onde são agregados vários textos como resultados de Teses de pesquisadores. A obra reúne os ensaios, a saber: “Apresentação poética: nossa senhora da minha escuridão”, de Edgar César Nolasco; “Poética e aprendizagem em Manoel de Barros”, de Álvaro Cardoso Gomes; “Ler o prazer do texto em Manoel de Barros”, da organizadora da obra; “As encenações do poético na poesia de Manoel de Barros”, de Goiandira Ortiz de Camargo; “A imagem entre o verbo e as tintas”, de Maria Adélia Menegazzo; “Uma leitura dos poemas concebidos sem pecado: o retrato do artista quando cabeludinho”, de Kelcilene Grácia-Rodrigues; “Traços autobiográficos em Manoel de Barros: a construção poética de si mesmo”, de Walquíria Gonçalves Béda; “De Perseu a Bernardo da Mata: a travessia em busca de uma escrita leve”, de Marta Aparecida Garcia Gonçalves e “Memórias da infância: o encontro poético entre Lobivar Matos e Manoel de Barros”, de Susylene Dias de Araújo.

Marcelo Marinho (2009) e outros colaboradores publicaram a obra *Manoel de Barros: o brejo e o solfejo*. Os estudos integram ensaios a respeito de noções como linguagem infantil e poesia demiúrgica, arte e erotismo, poética do devaneio, metalinguagem, niilismo, imagens do Pantaneiro, cinema de poesia, finalizando com brasilidade e literatura. No ensaio “Do regional ao universal: conversações ao pé da árvore com um Pantaneiro”, o autor confere as seguintes palavras:

[...] nesse universo, reconstruído por meio do discurso poético com esteio na cosmovisão de mulheres, homens e crianças pantaneiros, os seres humanos irmanam-se a bichos, plantas, líquens e pedras. Da mesma maneira que, em meio aos versos, substantivos, adjetivos, verbos e advérbios permutam postos e dançam loucamente ao ritmo veloz e alucinante de um rasqueado bem pantaneiro (MARINHO, 2009, p.7).

Outra contribuição recente se trata da obra *Manoel de Barros: o demiurgo das terras encharcadas e educação pela vivência do chão*, originalmente produzida como Tese de Doutorado, de Cristina Campos (2010). A autora construiu uma obra sob a égide da interdisciplinaridade, dialogando Literatura com Antropologia, Biologia, Geografia, Psicologia e História, tendo como veia teórica mais profunda a Antropologia do imaginário de Gilbert Durand, arregimentada aos pressupostos de Jung e Bachelard (1974) e sua *Poética do devaneio*. Uma vez refletindo sobre os mendigos, loucos e a gente estranha, Campos mostrou que a obra manoelina caminha ao encontro da loucura, seja das palavras, seja na fala dos loucos e das crianças. Adentrando no universo historiográfico da região cuiabana, a autora explicitou os fatos sobre os loucos nos “achamentos” de *Tratato geral das grandezas do ínfimo* e a relação que os loucos tinham com as crianças, tanto do ponto de vista da história e lendas mato-grossenses como do ponto de vista da criação poética manoelina.

Comumente, a autora relacionou esses mitos do imaginário infantil ao poema “Joaquim Sapé”, de Manoel de Barros e mencionou que *Poemas concebidos sem pecado*, *Livro das Ignorâncias* e *Livro Sobre Nada* foram os textos basilares da enunciação para a descrição dos “tipos dementes do rio”, os quais, em vários casos, tiveram sua gênese ancorada no “semantismo da Grande Mãe porque são seres encostados na natureza, mais próximos dela, seres selvagens que se opõem aos civilizados”, diz Campos (2010, p. 276). Ampliando essa abordagem, a autora promove uma discussão sobre a tradição da oralidade e memória no Modernismo em Mato Grosso, no capítulo “Aspectos históricos e culturais”, tendo o poeta como “homem pantaneiro”.

Na Universidade do Estado de Mato Grosso, as pesquisadoras Vera Marquêa e Madalena Machado (2010) organizaram a obra *Dos labirintos e das águas: entre barros e dickes*, com diversos ensaios de Mestres e Doutores que se debruçaram nas obras de dois grandes autores brasileiros, Manoel na poesia e Dicke no romance. Da obra citada, ressaltar-se-á o ensaio *Manoel de Barros: o encantador de palavras*, de Isaac Newton Almeida Ramos, que aponta algumas proximidades e coincidências com a proposta de minha tese concernente à escolha de relações entre os títulos das obras e a poética manoelina. Sendo assim, o autor analisa os títulos das obras do poeta em três categorias. Na primeira, o poeta mistura **erudição com irreverência poética** nas obras *Compêndio para uso de pássaros* (1960), *Gramática expositiva do chão* (1966), *Arranjos para assobio* (1980), *O livro das ignorâncias* (1993), *Livro de pré-coisas* (1985), *Concerto a céu aberto*

para solos de ave (1991), *Tratado geral das grandezas do ínfimo* (2001), *Memórias inventadas* (2003, 2006, 2008) e *Poemas rupestres* (2004). A segunda categoria dos títulos insere-se no **exercício de metalinguagem** e o autor cita as seguintes obras: *Poesias* (1956), *Matéria de poesia* (1970), *O guardador de águas* (1989), *Poesia quase toda* (1990), *Ensaio fotográficos* (2000) e *Poemas rupestres* (2004). A terceira centra-se em **elementos surreais e na poesia social**: *Poemas concebidos sem pecado* (1937), *Face imóvel* (1942), *Exercícios de ser criança* (2000), *O fazedor de amanhecer* (2001), *Para encontrar o azul eu uso pássaros* (2003) e *Cantigas por um passarinho à toa* (2003).

O escritor Clóvis Assumpção, no Rio Grande do Sul, publicou a obra *Manoel de Barros: conferência crítica* (s.d), defendendo, entre outros assuntos, a ideia de que o humorismo não era somente uma defesa da poética do modernismo, mas também uma marca enraizada na alma e na poesia manoelina. O autor garante: “sobre Manoel de Barros quero registrar uma das inovações do modernismo em sua poética. Manoel de Barros está longe do *seriessismo* (...) porque sabe abrir o coração” (ASSUMPCÃO, s.d, p.50).

Fruto da Dissertação de Mestrado⁶, Rosidelma Fraga (2010) publicou a obra *Convergências e tessituras: Manoel de Barros, João Cabral de Melo Neto e Corsino Fortes*, pela Câmara Brasileira de Jovens Escritores, no Rio de Janeiro, já esgotada. A obra teve como objetivo, à luz de Literatura Comparada, proceder a uma investigação sobre a poesia lírica de dois grandes representantes da literatura brasileira e um da literatura cabo-verdiana. A autora discutiu acerca da modernidade e contemporaneidade nos poemas de Barros e algumas contribuições da crítica acadêmica sobre sua poética, assinalando um possível lugar para o poeta na literatura brasileira. De modo semelhante, trilhou caminhos para a análise da obra de dois outros poetas – João Cabral de Melo Neto e Corsino Fortes –, com foco na recepção da crítica literária sobre a produção do pernambucano e na leitura inicial da obra de Corsino Fortes. Além desses pontos de investigação, a obra abordou questões teóricas sobre subjetividade e seus desdobramentos nos poemas dos três autores, com uma discussão sobre o sujeito lírico, a imagem e a chama do erotismo, bem como uma abordagem analítica a respeito do mito de origem, da metalinguagem e um olhar de *leitmotiv* sobre as palavras que remetem ao mineral e à infância da língua, formando um encontro de pedras, rios, ilhas e ventos, considerado no contexto da investigação como uma metáfora intertextual.

Em sua obra *Manoel de Barros: a poética do deslimite*, Elton Luiz Leite de Souza (2010) investigou as implicações filosóficas dos poemas de Barros e explicitou as construções

⁶ Título original da dissertação: *Convergências e tessituras de pedras, águas, ilhas e ventos: Manoel de Barros, João Cabral de Melo Neto e Corsino Fortes*.

inventivas e inaugurais que determinam o deslimate como matéria do fazer poético, vislumbrado no reino da própria linguagem. O crítico parte da fonte deleuzinana sobre a concepção do *devenir* e confere que a poética de Barros se pauta no processo de perda dos limites do humano.

Como referência à fortuna crítica de Manoel de Barros, recomendo a classificação dos *Livros e Teses sobre a vida e a obra de Manoel de Barros*, publicada na página⁷ da Professora Doutora Yasmin Nadaf, na qual não agregam todas as produções sobre o autor, mas congrega aproximadamente (75%) setenta e cinco por cento da fortuna crítica sobre Manoel de Barros, desde os jornais na década de 1980 até os livros e teses em 2011.

Percebe-se ainda o constante recorte dialógico de ensaios sobre Manoel de Barros e o cinema. Para tanto, mencionam-se as referências colhidas em Julio Augusto Xavier Galharte (2007, p. 56). O autor cita os estudos de José Fernandes, José Carlos Avelar, Thalita Meloto e Marcelo Marinho e outros. Ademais, a própria tese do autor, mencionada algures, executa comparações da lírica de Barros com cineastas, asseverando que: “os silêncios ligados ao ver e ao ouvir podem se conjugar na sétima arte: filmes suscitam o aguçar desses dois sentidos e podem ser grandes divulgadores de mutismos e películas de Federico Fellini e de Luís Buñuel são contrastados com a poética manoelina” (GALHARTE, 2007, p. 6).

Reiterando a obra *Convergências e tessituras: Manoel de Barros, João Cabral de Melo Neto e Corsino Fortes*, dir-se-ia que, além dos pontos já aludidos, preocupou-se em direcionar o lugar do poeta no panorama da literatura brasileira, associando ao trabalho da crítica. Didaticamente, revisitam-se algumas ponderações dessa dissertação de mestrado, porque elas se fazem significativas em virtude da historicidade e ainda para reafirmar, ao final desse trabalho de recepção de crítica de poesia, que a atual elaboração de Tese de Doutorado será conduzida, a partir de uma abordagem mais próxima possível da originalidade.

Sob a perspectiva da cronologia, o poeta de Barros atravessa um século na sua produção poética, sendo coetâneo, por ter começado a produzir em 1937, no século XX, e contemporâneo, por ter chegado ao século XXI e continuar a escrever poesia na atualidade como é o caso de sua mais recente obra: *Escritos em verbal de ave*. Em termos biografáveis, Manoel de Barros nasceu à “beira do rio Cuiabá” e passou a sua “vida inteira fazendo coisas inúteis”, conforme modestamente se poetiza em sua *GEC*:

Não sou biografável. Ou, talvez seja. Em três linhas.

1. Nasci na beira do rio Cuiabá.
2. Passei a vida fazendo coisas inúteis.

⁷ Conforme o levantamento da autora em seu Website: <<http://www.yasminnadaf.com.br>>.

3. Aguardo um recolhimento de conchas. (E que seja sem dor, em algum banco da praça, espantando da cara as moscas mais brilhantes). (BARROS, 1990, p. 11).

Mesmo que não se pretenda esboçar uma biografia do poeta e, considerando as palavras de Ezra Pound (1997, p. 80): “o mau crítico se identifica facilmente quando começa por discutir a biografia do poeta e não o poema”, garante-se que a trajetória de Barros daria um livro extenso. Embora passando a infância e grande parte de sua vida no Pantanal, o poeta não se enquadra na perspectiva de um escritor regionalista. Ele assegura: “poeta é um ser de linguagem e não de paisagem-vegetal ou humana”⁸. Walquíria Bêda (2002, p. 80) asseverou: “o texto de Barros está longe de ser documental”, uma vez que a natureza em toda a obra manoelina “não exerce a função de cenário paisagístico, nem como arsenal retórico. Ela é a matéria-prima da poesia”. É certo que todo poeta carrega os traços de suas vivências locais, os quais, no caso de Manoel de Barros, dizem respeito a sua infância no Pantanal. Entretanto, em sua lírica, a natureza e o telúrico são lidos no plano da imagem poética, comandados, conforme assegura Barros (1990), em matéria de poesia que deve ser interpretada no âmbito da exploração do nome e de um estilo *sui generis*.

Para o crítico Ênio Silveira (1990, p. 229), a poesia de Barros é “desconcertantemente multifacetada, é singular e múltipla, telúrica e surrealista, anárquica e meticulosa, regional e universal”. Entretanto, conforme Manoel de Barros (1990, p. 334), a veia regionalista de suas obras deve ser vista na linguagem, pois, segundo ele, “as nossas particularidades só podem ser universais se comandadas pela linguagem, subjugadas por um estilo”. Na produção lírica manoelina, o poeta estudou para “fazer frases dementadas”, almejando um projeto para “perverter a linguagem”, “subverter a sintaxe”, “molecar o idioma para que ele não morra de clichês”, “injetar insanidade nos verbos para que transmitam ao nome seus delírios”. Afinal, “em poesia que é a voz de poeta, a voz de fazer nascimentos, o verbo tem que pegar o delírio”, escreve Barros (1990, p. 312).

A poética de Barros serve-se de alguns *arquissemas*⁹ poéticos, isto é, palavras preferidas e trabalhadas pelo poeta e podem ser usadas em toda e qualquer região do Brasil. A palavra *arquissema* é oriunda do grego *archos* e significa aquele que comanda, e *sema*, linguisticamente, se trata dos vários sentidos ou escolhas de palavras, conforme Borges e Turiba (1990). O poeta tem

⁸ Leia o Anexo A, resposta à pergunta de número 7, em *Convergências e tessituras: Manoel de Barros, João Cabral de Melo Neto e Corsino Fortes* (2010).

⁹ De acordo com Iuri Lotman (1976), a palavra *arquissema* é formada por analogia com o arquifonema de Trubetzkoj, para designar a unidade que engloba todos os elementos comuns da oposição léxico-semântica. A palavra *arquissema* foi usada somente para elencar as palavras usuais no plano da linguagem poética de Barros e não como uma tentativa de inserir nos estudos literários comparativos a estirpe da semântica greimasiana.

preferência por certas palavras (árvores, sapo, lesma, musgo, boca, rã, água, pedra, caracol e parede)¹⁰ na procura de “lembrar aos homens o valor das coisas desimportantes”:

[...] o que eu descobro ao fim da minha ‘Estética da Ordinarietàade’ é que eu gostaria de redimir as pobres coisas do chão. Parece-me que olhando pelos cacos, pelos destroços e pela escória, eu estaria tentando juntar fragmentos de mim, espalhados por aí – Estaria me dando a unidade perdida. E que obtendo a redenção das pobres coisas eu estaria obtendo a minha redenção. (BARROS, 1990, p. 328).

Barros derrama seu lirismo na veia telúrica e, dessa arqueologia de linguagem adâmica, emana o elemento mineral (a pedra) que tem uma peculiaridade de representar a volta ao primitivo, sendo enfatizado, em alguns estudos, como o mito de origem da infância da língua. A respeito da linguagem manuelina, o crítico Ítalo Moriconi (1998, p. 21) elucidou: “A poesia de Manoel de Barros opera uma linguagem saborosamente neológica na linha de Guimarães Rosa e uma auto-reflexividade metapoética. Em última instância, a poesia de Manoel de Barros professa uma espécie de intuicionismo romântico”. Similarmente a Moriconi, Barros faz “incurções na linguagem infantil”. Seu fazer poético se traduz pela rebeldia, por meio de alguns elementos que Walquíria Béda (2002, p. 21) explicou como um animismo e uma “contemplação do alto (‘estrelas’, pássaro’) no baixo (‘chão’)”. Sua poesia, muitas vezes, permeia-se por neologismos (“luava”) e nasce de recursos expressivos calcados em traços de estilo peculiar e inovador.

No ensaio “A falência da poesia: Ou uma geração enganada e enganosa: os poetas de 45”, de sua *Razão do poema*, José Guilherme Merquior (1996, p. 48) sustenta que Manoel de Barros continua a poesia de 22, sobretudo se tratando das conquistas de Oswald de Andrade, Mário de Andrade e outros poetas. É plausível receber a lírica de Barros não só como um continuador das conquistas de 22, mas como um renovador, em virtude da ousadia de sua linguagem e da capacidade de (re)significar a poesia brasileira. Apesar de o poeta ter publicado à época da geração de 45, ele tem seu tripé poético alicerçado na irreverência de 22. Barros assegurou à Adélia Menegazzo (1991, p. 177) que aos poetas do futuro caberá a renovação e “aos poetas atuais cabe falar do agora, das ruínas, dos fragmentos, do homem fragmentado”. E complementou: “não tenho nada em comum com a geração de 45. E, se alguma alteração tem sofrido a minha poesia, é a de tornar-se, em cada livro, mais fragmentária”.

Em “Caminhos recentes da poesia brasileira”, contido em *Poesia e desordem*, Antônio Carlos Secchin (1996) concebe a lírica de Barros dentro de uma “tendência do fragmentário e na

¹⁰ Em Borges; Turiba (1990), Manoel de Barros explica que a única palavra citadina que consta em seus arquissemas é parede. As outras dez ou doze palavras utilizadas pelo poeta são *arquissemas* oriundos de sua infância. São elas: árvores, sapo, lesma, antro, musgo, boca, rã, água, pedra e caracol. Barros aponta que tais palavras o comandam e norteiam o sentido de sua escrita. Essas palavras-chave, portanto, orientam os descaminhos de Barros.

tônica do humor”. Segundo seu autor, na poesia manoelina reside “o sertanismo da palavra”, especialmente em *Arranjos para assobio* e em *Livro de pré-coisas*. Barros é criador de uma poética aperfeiçoada no viveiro de imagens telúricas, executadas “pela relação lúdico-sensorial com as palavras” (SECCHIN, 1996, p. 106).

Conforme já mencionado, Barros cultiva seus frutos poéticos desde o século XX e ainda produz no século XXI. Para situar o poeta dentro de um período literário, referente à modernidade, aponta-se Loanda (1967, p. 37), na *Antologia da moderna poesia brasileira*. Nela, o autor inclui Manoel de Barros. É uma das melhores referências a respeito dos poetas dos anos 1940 e 1950. Porquanto a poesia desse período buscou cortar as amarras que a pudessem atar a qualquer ideal de unidade, “no sentido moderno de construção de um objeto artístico [em que se misturam] estilos e as sensibilidades mais agudas expõem ao leitor a consciência da própria desintegração”. Sob esse prisma, a presumível integração de Barros na lírica moderna reside no fato de que ele, consoante às transformações da vida científica, cultural, artística e tecnológica, tem se colocado frente às angústias do indivíduo contemporâneo submisso à sociedade de consumo.

Diante de uma perspectiva histórica Manoel de Barros não se insere na geração de 45, pois, como afirma Waldman (1990, p. 29), ele “anda na contramão da poesia dessa geração”. Ele é o poeta preocupado com as “insignificâncias” e por isso demonstra grande interesse pela elevação do nada, por meio da realização da imagem poética e reinvenção da linguagem e do espaço geográfico. É criador de um estilo diferenciado de seu tempo, explora a linguagem nas dimensões “pré-conscientes do ser humano, da memória, da fala inovadora, vinculada às matrizes da língua, da *psique* infantil, do sonho, da loucura e do sertão”, salientou Waldman (1990, p. 29). E conclui que, nesse contexto, o poeta compõe uma poesia que se “interage mais com a prosa poética de Guimarães Rosa”.

Na reavaliação¹¹ de Waldman (1990, p. 30), a lírica de Barros, num processo de consciência de linguagem e no horizonte de referências de historicidade, se aproximaria de “Antônio Nobre, Raul Bopp, Cesário Verde, Jorge de Lima, Murilo Mendes, João Cabral de Melo Neto”, bem como de poetas clássicos da Natureza, tais como “Paul Klee, Joan Miró, Tinglely, Giuseppe Arcimboldo, Heidegger, Sartre”. Inserido em tal contexto, a lírica de Barros é uma poética de múltiplas vozes que se orienta na experiência da leitura.

Para Francisco Perna Filho (2000), citado alhures, a poesia manoelina se insere na perspectiva de um poeta moderno por exercer, dentro do espaço da natureza, um procedimento

¹¹ Aponta-se a palavra reavaliação no sentido de que anterior a essa escrita, já havia dissertações na UFG com tais defesas.

alquímico e buscar a instauração da palavra inovadora. Nesses termos, a palavra nova é “carregada de uma simbologia pré-categorial que subjaz nos labirínticos caminhos do inconsciente”. E, nessa trajetória, a poesia de Manoelina aproxima-se de Raul Bopp: “Ambos, na volta ao primal, ao coletivo, ao inconsciente, buscam um resgate do homem para uma consciência pré-categorial, mítica, numa tentativa de fazê-lo voltar a si, às fontes primeiras. (PERNA FILHO, 2000, p. 52).

A poética de Barros permite ao leitor pensar sobre a linguagem da poesia, dado que o poeta mato-grossense escreve pensando na linguagem como fonte primitiva, mítica, concebendo novos significados à palavra. Ele repensa a linguagem ao desconstruir o sintagma e provocar a solicitude do novo. A palavra em Barros subverte o sentido usual dos objetos, dando-lhes funções fora do comum pode se relacionar com os *ready made*, embora este seja aplicado em matéria de quadro e não de palavra. A referência comparativa com Marcel Duchamp se deve no plano da metalinguagem ou na ideia de colagem e exploração da palavra como ocorreria num quadro: “*Desinventar objetos. O pente, por exemplo./Dar ao pente funções de não pentear. Até que/Ele fique à disposição de ser uma begônia.* (BARROS, 1994, p. 13; sem grifos no original). O ato de “Dar ao pente funções de não pentear” pode funcionar como uma colagem. Sabe-se que o objeto artístico não tem função. No entanto, é o ato de tirar a função habitual do pente e leva-lo ao plano de outros desempenhos que desestabilizam a metáfora e, com essa nova função, tem-se o *ready-made*¹² da palavra ao arquétipo de objetos inúteis elevados ao nível artístico semelhante à arte de Duchamp.

Em meio ao diálogo de Barros com outros artistas, convém refletir sobre o tratamento que o poeta dá à linguagem e a sua preocupação com o homem fragmentado e, ao mesmo tempo, se preocupa com o outro, numa visão existencialista ou no sentido filosófico de *Ser e tempo*, de Martin Heidegger (2006). Sua poética ressalta a produção das imagens, a partir da elevação de seres marginalizados pela sociedade, tais como: loucos, bêbados, mendigos e outros instituídos pelo poeta: Mário Pega-Sapo e Bernardo¹³ que virou árvore. Tais seres ou escórias são aclamados na lírica Manoelina. Por excelência, sua obra caminha na poetização do nada e do homem à margem das grandezas. A figura do ínfimo ou das coisas miúdas e irrelevantes parece ser o signo-chave de toda a obra de Barros. Nessa perspectiva, ele fala do homem de seu tempo, conforme Drummond, Manuel Bandeira, Raul Bopp e outros poetas. Barros preocupou-se com esse sujeito aos pedaços,

¹² Camargo (1988, p. 184) explica que “o *ready-made* de Duchamp consiste em elevar à categoria artística objetos fabricados, utensílios domésticos como um porta-garrafa ou urinol assinados pelo autor”. O *ready-made* contém em si, ao mesmo tempo, elementos de destruição e de construção, de desordem e ordem.

¹³ Bernardo da Mata, de acordo com o próprio Manoel de Barros (1990, p. 322): “é um bandarra velho, andejo, fazedor de amanhecer e benzedor de águas. Ele aduba os escuros do chão, conversa pelo olho e escuta pelas pernas como os grilos. Ele é o que falta para árvore ser gente. Na Oficina, Bernardo constrói objetos lúdicos, fivela de prender silêncios, aparelhos de ser inútil, beija-flor de rodas vermelhas, etc.”.

destruçãdo. E o seu leitor pode vê-lo dentro da modernidade, com a diferença de que no plano de exploração da linguagem poética, ele se volta à preocupação das particularidades de seu tempo e do espaço. O poeta canta a banalidade e a faz ser original e extraordinária. Assim como o poeta de Itabira que canta o tempo presente na poesia da revelação em seu poema “Apóstolo São João”, a lírica manoelina é como a de Drummond (2002, p. 358): “é revelação simples” e o poeta presente “uma alegria miudinha, trivial, embelezando/em plena via pública o passante/mais feio, mais deserto/de bens interiores”.

Com o propósito de ultimar a recepção da fortuna crítica de Barros e avançar para o exame atual, acredito que da década de 1980 até a atualidade, sua obra tem sido examinada por diversas nuances. O maior enfoque dos trabalhos tem reincidido no retalho aos temas telúrico, metapoesia, reinvenção da linguagem poética, a alquimia do verbo, o leitor, a poesia sob o crivo das contradições e da ambiguidade, a poesia como instauração do ínfimo e do nada, o erotismo na poesia, a presença do ser pantaneiro e dos loucos, a transgressão da sintaxe, dentre outros. Desde as primeiras obras, a lírica manoelina esteve aberta aos diálogos com outros poetas e outras linguagens, no caso, com o cinema, assim como foi explorada em diálogo com a pintura nas análises de Adélia Menegazzo e Goiandira Camargo. O exame de estudos contribuiu para assegurar que o poeta tem seu lugar merecido na literatura de âmbito nacional e canônico.

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel de. *Poemas concebidos sem pecado* (1937). São Paulo: Grupo Leya, 2010.

ALMEIDA, Marinei. *Entrevôos, pântanos e ilhas: um estudo comparado entre Manoel de Barros e Eduardo White*. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia poética*. 51. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

ANDRADE, Fábio de Souza. A musa quebradiça. IN:_____ BOSI, Alfredo (Org). *Leitura de poesia*. São Paulo: Ática 1996, p.127-139.

ARAÚJO, Susylene Dias de. Memórias da infância: o encontro poético entre Lobivar Matos e Manoel de Barros. In:_____ SANTOS, Rosana Cristina Zanelatto et al (org). *Nas trilhas de Barros: Rastros de Manoel* (Org) Campo Grande: Editora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2009, p. 149-160.

ASSUMPCÃO, Clóvis. *Manoel de Barros: conferência crítica*. Rio Grande do Sul (s.d).

AZEVEDO, Lucy Ferreira. *Paixões em Manoel de Barros: a importância de ser pantaneiro*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2008.

BARBOSA, Henrique Luiz. *Palavras do chão: um olhar sobre a linguagem adâmica em Manoel de Barros*. São Paulo: Annablume, 2003.

BARBOSA, Henrique Luiz. *Sujeito, Crítica e Invenção nas Poéticas de João Cabral de Melo Neto e Manoel de Barros*. Tese de Doutorado. Belo Horizonte. PUC, Minas Gerais, 2010.

BARROS, Manoel de. *As coisas que não existem são mais bonitas*. Entrevista a Alberto Pucheu. *Cadernos culturais e pedagógicos, do Centro Educacional de Niterói*. v.3, n.1, Janeiro/Junho 1994. p.193-195.

BASEIO, Maria Auxiliadora Fontana. *Entre a magia da voz e a artesanaria da letra: o sagrado em Manoel de Barros e Mía Couto*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2007.

BÉDA, Walquíria Gonçalves. Traços autobiográficos em Manoel de Barros: a construção poética de si mesmo. In: _____ SANTOS, Rosana Cristina Zanelatto et al. *Nas trilhas de Barros: Rastros de Manoel* (Org) Campo Grande: Editora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2009, p. 117-134.

_____. *A construção poética de si mesmo: Manoel de Barros e a autobiografia*. Tese de Doutorado. UNESP, 2006.

BORGES, J.; TURIBA, L. Pedras aprendem silêncio nele. In: _____ BARROS, M. de. *Gramática expositiva do chão: poesia quase toda*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990. p. 323-343.

BRANCO, Lúcia Castelo; BARBOSA, Henrique Luiz. Em idioleto mannelês arcaico (1994). In: _____. *Palavras do chão: um olhar sobre a linguagem adâmica em Manoel de Barros*. São Paulo: Annablume, 2003. p. 123-128.

CAMARGO, G. O. de. *A poesia alquímica de Manoel de Barros*. 1988. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1988.

_____. *A poética do fragmentário: uma leitura da poesia de Manoel de Barros*. Tese (Doutorado em Ciência da Literatura) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.

CAMPOS, Cristina. *Manoel de Barros: o demiurgo das terras encharcadas. Educação pela vivência do chão*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2010.

CARPINEJAR, Fabrício. *Teologia do traste: a poesia do excesso em Manoel de Barros*. Dissertação de Mestrado. Rio Grande do Sul. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

CASTRO, Afonso. de. *A poética de Manoel de Barros: a linguagem e a volta à infância*. Campo Grande: FUCMT-UCDB, 1992.

CEZAR, Pedro. *Só dez por cento é mentira: a desbiografia oficial de Manoel de Barros*. Filme longa-metragem. Petrobras. Jornal O globo. Folha de São Paulo, 2008.

FRAGA, Rosidelma Pereira. A fortuna crítica acadêmica de Manoel de Barros. In: Revista eletrônica *Falas Breves*, v. 4, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó – Breves, maio, 2017. ISSN 23581069

CURADO, Maria Eugênia. *Literatura e artes visuais: um diálogo semiótico entre Clarice Lispector e René Magritte*. Dissertação de mestrado. Programa de Letras e Linguística. Universidade Federal de Goiás, 2001.

DAVID BARROS, Nismária Alves. *O lugar do leitor na obra de Manoel de Barros*. Tese de Doutorado. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2010.

DIEGUES, Douglas; MARTINS, Bosco. Entrevista de Manoel de Barros feita para o programa *O outro lado de la fronteira*, da TV Educativa Regional do Mato Grosso do Sul. Disponível em: <<http://www.tvregional.com.br>>. Acesso em: 12 de Agos, de 2012.

FERNANDES, José. *A loucura da palavra*. Barra do Garças: Editora da UFMT, 1987.

FIOROTTI, Devair Antônio. *A palavra encena: uma busca de entendimento da linguagem poética a partir de Manoel de Barros*. Tese de Doutorado. Brasília, Universidade de Brasília, 2006.

FRAGA, Rosidelma. *Convergências e tessituras de pedras, águas, ilhas e ventos: Manoel de Barros, João Cabral de Melo Neto e Corsino Fortes*. Dissertação de Mestrado. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2009.

_____. *Convergências e tessituras: Manoel de Barros, João Cabral de Melo Neto e Corsino Fortes*. Rio de Janeiro: CBJE, 2010.

GALHARTE, Julio Augusto Xavier. *Despalavras de efeito: os silêncios na obra de Manoel de Barros*. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007.

GOMES, Álvaro Cardoso. Poética e aprendizagem em Manoel de Barros. In: ____ SANTOS, Rosana Cristina Zanelatto et al (org). *Nas trilhas de Barros: Rastros de Manoel*. Campo Grande: Editora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2009, p. 37-48.

GONÇALVES, Marta Aparecida Garcia. De Perseu a Bernardo da Mata: a travessia em busca de uma escrita leve. In: ____ SANTOS, Rosana Cristina Zanelatto et al (org). *Nas trilhas de Barros: Rastros de Manoel*. Campo Grande: Editora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2009, p. 135-148.

GUIZZO, José Otávio. Sobreviver pela palavra. In: ____ BARROS, M. de. *Gramática expositiva do chão: poesia quase toda*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990. p. 307-311.

HANSEN, Adolfo. In: ____ SOUZA, Wilker. *Ecos do Vazio*. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/ecos-do-vazio>>. Acesso em: Out, 2012.

MARQUÊA Vera; MACHADO, Madalena (Org) *Dos labirintos e das águas: entre barros e dickes*. Cáceres/MT: Ed. Unemat, 2009.

MARINHO, Marcelo (Org). *Manoel de Barros: o brejo e o solfejo*. Brasília. Editora Universa – UCB, 2009, 112p.

MENEGAZZO, Maria Adélia. (1987) *Alquimia do verbo e das tintas poéticas de vanguarda*. Campo Grande, MS: CECITEC/UFMS, 1991.

FRAGA, Rosidelma Pereira. A fortuna crítica acadêmica de Manoel de Barros. In: Revista eletrônica *Falas Breves*, v. 4, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó – Breves, maio, 2017. ISSN 23581069

MORICONI, I. Pós-modernismo e volta do sublime na poesia brasileira. In: _____ PEDROSA, C.; MATOS, C.; NASCIMENTO, E. *Poesia hoje*. Rio de Janeiro: EDUFF, 1998. p. 11-25.

MÜLLER, Adalberto. *Manoel de Barros: o avesso do visível*. REVISTA USP, São Paulo, n.59, junho/agosto 2003, p. 275-279.

NADAF, Yasmin. *Livros e Teses sobre a vida e a obra de Manoel de Barros*. Disponível em: <<http://www.yasminnadaf.com.br>>. Acesso em: Jan, 2012.

PERES, Wesley. *Formações do inconsciente e formações poéticas manoelinas: uma leitura psicanalítica acerca da subjetividade e da alteridade na obra de Manoel de Barros*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Universidade Federal de Goiás, 2007, 138 p.

PERNA FILHO, Francisco. *Criação e vanguarda: Bopp & Manoel de Barros*. 2000. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2000.

PRIOSTE, José Carlos Pinheiro. *A unidade dual: (Manoel de Barros e a poesia)*. Rio de Janeiro, 2006. Tese (Doutorado em Ciência da Literatura). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

RAMOS, Isaac Newton Almeida. *Uma poética da modernidade: uma leitura comparativa entre Alberto Caeiro e Manoel de Barros*. Dissertação de mestrado. USP, 2002.

REINER, Nery Nice Biancalana. *A poética de Manoel de Barros e a relação homem – vegetal*. Tese de Doutorado, USP, 2011.

RODRIGUES, Grácia Kelcilene. *De corixos e de veredas: a alegada similitude entre as poéticas de Manoel de Barros e de Guimarães*. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, 2006, 318 f.

_____. Uma leitura dos poemas concebidos sem pecado: o retrato do artista quando cabeludinho. In: _____ SANTOS, Rosana Cristina Zanelatto et al (org). *Nas trilhas de Barros: Rastros de Manoel*. Campo Grande: Editora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2009, p. 87-116.

SANTOS, Rosana Cristina Zanelatto. et al (org). *Nas trilhas de Barros: Rastros de Manoel*. Campo Grande: Editora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2009, p. 49-58.

SOUZA, Elton, Luiz, Leite de. *Manoel de Barros: a poética do deslimite*. Rio de Janeiro: 7letras, 2010.

VASCONCELOS, Vânia Maria de. *A poética in-verso de Manoel de Barros: metalinguagem e paradoxos representados numa disfunção lírica*. Tese de Doutorado. PUC, São Paulo, 2002.

WALDMAN, B. A poesia ao rés do chão. In: BARROS, M. de. *Gramática expositiva do chão: poesia quase toda*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990. p. 11-32.

FRAGA, Rosidelma Pereira. A fortuna crítica acadêmica de Manoel de Barros. In: Revista eletrônica *Falas Breves*, v. 4, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó – Breves, maio, 2017. ISSN 23581069